

# O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA EFERVESCÊNCIA DA CULTURA DIGITAL NA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL

*TEACHING HISTORY IN THE CONTEXT OF THE EFFERVESCENCE OF DIGITAL CULTURE IN THE CORONAVIRUS PANDEMIC IN BRAZIL*

*LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA EN EL CONTEXTO DE LA EFERVESCENCIA DE LA CULTURA DIGITAL EN LA PANDEMIA DEL CORONAVIRUS EN BRASIL*

Guilherme Schmitt Dotaf<sup>1</sup>  
Renan da Cruz Padilha Soares<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo apresenta uma breve compreensão da “cultura digital” no meio educacional, notadamente em tempos de pandemia, quando a recorrência às tecnologias da informação e comunicação se tornou imprescindível para a continuidade do processo educativo diante do isolamento social. Ademais, objetiva verificar quais as implicações da cultura digital na educação e apresentar o ensino da disciplina de História, com suas práticas e experiências em tempos de pandemia, analisando o seu contexto. Este propósito fundamenta-se a partir de pesquisa bibliográfica para a conceitualização do termo acima proposto; apresentam-se relatos de docentes e discentes sobre o período de estudos “remotos” e expõem-se dados referentes a esta conjuntura. O estudo demonstrou, ao longo do texto, que há a recorrência de dificuldades na brusca adaptação ao ensino remoto com a utilização (ou não) das novas tecnologias de informação e comunicação (as TICs), o que fez ademais detectar com maior nitidez as já existentes desigualdades sociais na educação. Porém, nota-se uma grande força de vontade de professores e estudantes para vencer os entraves, não obstante as incertezas do momento situacional. Percebe-se, além disso, a importância do papel social da análise histórica como ferramenta para compreender e lançar luzes neste processo.

**Palavras-chave:** ensino de História; pandemia; tecnologias; cultura digital.

## Abstract

This article presents a brief understanding of the “digital culture” in the educational environment, notably in times of pandemic, when the recurrence of information and communication technologies became essential for the continuity of the educational process in the face of social isolation. Furthermore, it aims to verify the implications of digital culture in education and present the teaching of History, with its practices and experiences in times of pandemic, analyzing its context. This purpose is based on bibliographic research for the conceptualization of the term proposed above; reports of teachers and students on the period of "remote" learning are presented and data related to this situation are exposed. Throughout the text, the study demonstrated that there are recurring difficulties in the sudden adaptation to remote teaching with the use (or not) of new information and communication technologies (ICTs), which also made it possible to detect with more clarity the existing social inequalities in education. However, there is a strong will of both teachers and students to overcome obstacles, despite the uncertainties of the situational moment. Furthermore, the importance of the social role of historical analysis as a tool to understand and shed light on this process can be seen.

**Keywords:** teaching History; pandemic; technologies; digital culture.

## Resumen

Este artículo presenta una breve exposición sobre la “cultura digital” en el ámbito educativo, especialmente en tiempos de pandemia, cuando el uso de las tecnologías de la información y la comunicación se ha vuelto imprescindible para la continuidad del proceso educativo frente al aislamiento social. Además, tiene el objetivo de verificar las implicaciones de la cultura digital en la educación y presentar la enseñanza de la disciplina Historia,

---

<sup>1</sup> Licenciado em História – Segunda Licenciatura – pelo Centro Universitário Internacional UNINTER.

<sup>2</sup> Professor no Centro Universitário Internacional UNINTER. Mestre em Práticas na Educação Básica pelo Colégio Pedro II. Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense.

con sus prácticas y experiencias en tiempos de pandemia, analizando su contexto. Este propósito se basa en investigación bibliográfica para la conceptualización del término propuesto anteriormente; se presentan informes de profesores y estudiantes sobre el período de estudios “remotos” y se exponen datos relativos a esta coyuntura. El estudio demostró, a lo largo del texto, que hay una recurrencia de dificultades en la repentina adaptación a la enseñanza a distancia con el uso (o no) de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación (TIC), lo que permitió detectar, además, con mayor claridad, las desigualdades sociales ya existentes en la educación. Sin embargo, existe una fuerte voluntad de docentes y estudiantes de superar los obstáculos, a pesar de las incertidumbres del momento coyuntural. Además, se percibe la importancia del rol social del análisis histórico como herramienta para comprender y esclarecer este proceso.

**Palabras-clave:** enseñanza de la Historia; pandemia; tecnologías; cultura digital.

## 1 Introdução

O presente artigo tem como proposta analisar brevemente o contexto da educação no Brasil no período da pandemia do coronavírus, focando sobretudo no período de maior gravidade da doença e no auge do denominado ensino remoto; não menos importante é o intento de compreender o conceito e aplicação da “cultura digital” na educação. Além disso, quer lançar algumas questões sobre esta conjuntura: quais foram e quais são os desafios para os professores — particularmente os de História — em uma época problemática como é a da pandemia? Como se deu a organização do trabalho docente em um contexto de isolamento social? Qual o papel social da História nestas circunstâncias?

A fim de oferecer respostas minimamente satisfatórias a essas e outras possíveis questões, se fará uma breve análise conjuntural da realidade da educação básica no Brasil e como ela se desenhou após as medidas restritivas e de isolamento social; em seguida, o caminho será conceitual, buscando elucidar a ideia de “cultura digital” aplicada à educação. É bom salientar que, mesmo que a campanha de imunização através da vacina já tenha alcançado um nível razoável de cobertura (MORTES E..., 2022) e várias medidas de contenção da doença terem sido relaxadas (como o uso da máscara), a pandemia ainda permanece, adquirindo novos contornos a cada semana que passa. Portanto, muitas coisas seguem com ares de novidade, inclusive o *modus operandi* da educação na qual este trabalho se pautará. Empreendeu-se uma coleta de relatos e experiências escolares no ensino de História durante a pandemia, que serão apresentados a seguir, sabendo que ulteriores relatos podem vir a contribuir para aprofundar esta pesquisa.

Atentando-se que o foco da investigação está no ensino da História, a última parte quer propor, a partir das experiências de pesquisa e práticas compiladas, uma reflexão sobre os possíveis avanços e também entraves neste processo educacional. Fica claro que se abriu diante de todos “um contexto complexo e, ao mesmo tempo, fértil para (re)pensar os rumos da educação brasileira” (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020, p. 36).

Destarte, a História, não somente como disciplina de conhecimento dos fatos e ações do ser humano ao longo do tempo, mas como cumpridora da missão de “elucidar processos, ações e contradições” (SILVA, 2020, p. 3), vem justamente auxiliar a comunidade educacional no sentido de aprimorar suas práticas.

Da mesma forma, quer ser um contributo à sociedade ao promover um entendimento amplo do momento que se vive, mesmo que nela não possa intervir diretamente (SILVA, 2020, p. 3).

## **2 Metodologia**

Diante dos objetivos acima mencionados, optou-se por concentrar a pesquisa no levantamento bibliográfico sobre os temas do ensino de História e da Educação em tempos de pandemia e focou-se na análise de relatos de experiências trazidos por vários pesquisadores em textos publicados, que serão devidamente mencionados no decorrer desta produção.

Nota-se que a consulta aos relatos publicados pelos professores, em diferentes contextos, tem como principal objetivo tornar evidente a novidade enfrentada por aqueles que vivenciaram de perto a necessidade de adaptação a uma realidade totalmente díspar, repleta de desafios. Em tempo: ouvir os atores destas circunstâncias ímpares auxilia na construção de um retrato mais fiel da educação diante do limitador que é a pandemia.

Reitera-se aqui que, devido ao momento histórico ainda ser presente, o conteúdo disponível para consulta é relativamente limitado. O artigo em questão se junta, portanto, às poucas dezenas de produções sobre o assunto, proporcionando um campo de investigação relativamente novo e certamente promissor.

Outrossim, é importante salientar que, à medida em que a campanha de imunização contra a Covid-19 (de todos os profissionais da educação e dos próprios estudantes) avançou nos estados e municípios, as aulas presenciais retornaram parcial ou totalmente, mesmo que com determinadas restrições sanitárias, permitindo assim, aos poucos, a volta à dita “normalidade” (SAIBA COMO ESTÃO..., 2021).

Em vista disso, a delimitação da pesquisa se deu no foco ao período de maior isolamento social, quando o ensino remoto, mormente o uso dos meios tecnológicos para o desenvolvimento dos planos de aulas e sistemas de ensino, foi o modelo predominante. A análise e comentário das práticas docentes nesta circunstância será o fio condutor do texto, pois constitui elemento inédito para grande parte dos profissionais envolvidos diretamente com o ensino-aprendizagem na educação básica, onde até então só se notava a educação a distância

em nível superior. Portanto, é uma forma de vislumbrar perspectivas para os próximos contextos, em uma conjuntura ainda não certa, onde pode haver uma conjunção de formatos: o híbrido e, posteriormente, o presencial.

### **3 Conceito de “cultura digital” e conjuntura do ensino de História na pandemia**

Na ocasião em que este texto é escrito (abril de 2022) — passados dois anos da declaração de pandemia pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em fevereiro de 2020 — o Brasil já ultrapassou as seiscentas e sessenta mil pessoas mortas (MORTES E..., 2022) em decorrência de complicações causadas pelo vírus SARS-Cov-2, doença altamente contagiosa, por ser transmitida por vias aéreas e que causa “desde infecções assintomáticas a crise respiratória grave” (BRASIL, 2020). Ora, antes de se chegar a este número tão expressivo de vidas perdidas, houve toda uma mobilização no início da pandemia para que se evitasse um caos sanitário sem precedentes, bem como a falta de estrutura médica para possíveis tratamentos da doença ainda desconhecida. Diante do exposto, foram adotadas diversas medidas, sendo a mais significativa entre elas “o isolamento social ou a quarentena, forçando, paulatinamente, o país a paralisar ou reinventar as atividades em diferentes áreas” (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020, p. 28). Além disso, a pandemia revelou o seu lado sombrio, pois “escancarou desigualdades sociais, provocou desemprego e mortes, afetou a saúde mental de muitas pessoas, e a escola sentiu os diversos impactos no cotidiano escolar” (FERNANDES, 2021, p. 1).

Qualquer atividade social que gerasse aglomeração de pessoas em um mesmo espaço e próximas umas das outras teria que ser suspensa imediatamente. Evidente que a educação presencial foi uma das primeiras a entrar nesta suspensão, o que ocorreu praticamente em todos os lugares no mês de março de 2020. Neste sentido “as escolas tiveram que fechar para não aumentar a situação caótica na saúde e preservar a vida de crianças e profissionais da educação” (MACEDO; SANTOS; SANTANA, 2020, p. 1). Rapidamente foi preciso repensar as estratégias de ensino para não pôr a perder o ano letivo. Houve a necessidade de “mudar paradigmas e formatar uma escola e uma educação novas, bem como o lugar dos discentes e docentes, mediante a nova realidade [...] com a alteração da maneira de ensinar/aprender” (ANDRADE; COSTA; LIMA; ROMÃO, 2020, p. 40).

Deste modo, tanto a rede pública como a privada realizaram uma verdadeira corrida contra o tempo para se adequar à nova necessidade. Como se nota na coleta de dados de Cunha, Silva e Silva (2020, p. 30-31), alguns estados da Federação empregaram maiores forças no

processo enquanto outros tiveram uma agenda mais modesta. De maneira geral, os meios mais empregados na continuidade das aulas foram:

Aulas on-line ao vivo ou gravadas (vídeo-aulas) transmitidas via TV aberta, rádio, redes sociais (*Facebook, Instagram, WhatsApp, Youtube*), páginas/portais eletrônicos das secretarias de educação, ambientes virtuais de aprendizagem ou plataformas digitais/on-line, como o *Google Classroom* e o *Google Meet*, além de aplicativos; disponibilização de materiais digitais e atividades variadas em redes (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020, p. 29).

Ainda, de acordo com os autores acima, verificou-se que, na impossibilidade de “acesso ao ensino mediado pelas tecnologias digitais” foram adotados “os materiais de estudo impressos e as aulas transmitidas por TV e rádio” (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020, p. 29).

Neste ambiente de intensas e rápidas transformações, onde houve temporária ausência do ensino presencial, torna-se inevitável o entendimento e alcance do conceito de “cultura digital” e da sua intrínseca relação com o mundo da educação. Não se torna excessivo dizer que a geração que hoje acessa o mundo da educação, seja ela básica ou superior, está totalmente (salvo raras exceções) imersa no universo “digital”. Em síntese, é uma emergência, a qual foi “aumentada e multiplicada a partir de 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde declarou o surto de uma pandemia” (BRITO; COSTA, 2020, p. 2). A emergência sanitária apenas tornou mais evidente este quadro.

Trata-se de algo ao qual, especialmente as escolas de formação em magistério e os cursos de licenciatura, bem como as redes de ensino e os próprios docentes, não podem se furtar, sobretudo se desejam tornar a educação verdadeiramente emancipadora e adaptada aos novos tempos. Aqui está um ambicioso e necessário projeto. Em outras palavras, “é imprescindível que, junto aos conhecimentos específicos da educação que qualquer professor deva ter ao exercer sua profissão, seja desenvolvida a competência digital” (BRITO; COSTA, 2020, p. 3).

Em que consiste a “cultura digital”? Em termos de passagem temporal, de acordo com Kenski (2018, p. 2), é o momento pertinente aos anos 1980-1990, em “que computadores e redes digitais viabilizaram o surgimento de novos ambientes socioculturais, virtuais”. Em outras palavras, é uma “criação de uma outra cultura, com outros referenciais” (KENSKI, 2018, p. 2). É como se a cultura digital fosse uma nova maneira de experimentar e viver a própria cultura, com as marcas que lhe são próprias.

Pode-se afirmar que a palavra ou expressão que melhor caracterize a cultura digital seja o vocábulo “virtual”. Nos tempos atuais, onde a comunicação entre duas pessoas localizadas em ambientes absolutamente distantes entre si, ocorre de forma a parecer como se estivessem fisicamente presentes, vê-se que houve uma grande evolução, “relacionada à busca de

viabilização de experiências totalmente imersivas, que integrem os sentidos humanos com as possibilidades dos recursos digitais inteligentes” (KENSKI, 2018, p. 4).

Ainda segundo Kenski, é justamente por conta da virtualidade que na cultura digital já não existem mais fronteiras espaciais, territoriais e até temporais. Ela “rompe fronteiras, se apresenta transnacional. Mais ainda, garante a ubiquidade e a mobilidade, ou seja, condições para se estar virtualmente em qualquer lugar, em qualquer tempo” (KENSKI, 2018, p. 4).

Seguindo a linha de pensamento da autora supracitada, observa-se que a cultura digital inevitavelmente chega à educação. O fato mais evidente é a facilidade com que a imersão na rede mundial de computadores transforma o acesso, primeiro, à informação e, logo após, à comunicação entre pares para o compartilhamento desta informação. Ora, “a infinidade de dados disponíveis e acessáveis liberta as pessoas da dependência do acesso à informação e ao conhecimento apenas pelos caminhos formais e legais do ensino regular” (KENSKI, 2018, p. 5). É este acesso fácil e praticamente ilimitado que faz com que se note uma transformação significativa nas relações pedagógicas atuais, com impacto imediato sobre a prática do ensino e aprendizagem.

Um dos efeitos visíveis desta profunda mudança no modo como se opera a aprendizagem é a educação a distância (EaD). Nela, há “a criação de novos formatos educacionais inclusivos, legalmente instituídos, para o oferecimento de educação nos mais diversos níveis de ensino” (KENSKI, 2018, p. 6). Se em seu início ela carecia de aceitação e verificava-se uma grande desconfiança quanto à sua real efetividade, hoje ela é plenamente regulamentada e tem o mérito de ser a “modalidade educacional que mais cresce no Brasil, nos últimos dez anos” (KENSKI, 2018, p. 6). Mais ainda: permite com que, em grande escala, pessoas que não têm uma rotina semanal regrada ou mesmo falta de tempo, possam encetar um curso dentro das suas possibilidades. Neste sentido, é que a “cultura digital é também a cultura da aprendizagem livre e aberta, para todos” (KENSKI, 2018, p. 6).

Um ponto importante a se ressaltar nesta discussão é o espaço dado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) à cultura digital; no texto oficial do Ministério da Educação, nota-se mais de 30 referências diretas ao conceito, sobretudo nos blocos dedicados ao Ensino Fundamental II e ao Ensino Médio. Por exemplo, quando analisa o Ensino Fundamental no contexto da Educação Básica, o documento reforça que a cultura digital promove muitas mudanças sociais na atual conjuntura. E reconhece que:

Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil.

[...] Todo esse quadro impõe à escola desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (BRASIL, 2017, p. 61).

Foi precisamente esta integração da cultura digital com a cultura educacional (já referenciada e incentivada pela BNCC) que favoreceu a rápida adaptação e criação de ambientes totalmente virtuais para a continuidade do ensino formal a partir do início da pandemia, devido ao isolamento social. Segundo Kenski (2018, p. 7), “onde a maioria dos alunos das novas gerações que chegam às escolas possuem familiaridade e expertises no uso dos meios digitais”, certamente não foi uma tarefa das mais complexas a transição do ensino presencial para a sala de aula “virtual”, ainda que tal cenário não seja uniforme para todas as regiões e contextos. É o que se verificará adiante, nas múltiplas experiências de ensino coletadas e aqui expostas neste ambiente fora do padrão.

Posto isso, e passando ao foco da pesquisa, que é o ensino da disciplina de História, atentou-se que está “mudou desde as metodologias de ensino ao uso do material didático” (ANDRADE; COSTA; LIMA; ROMÃO, 2020, p. 46), como era de se esperar desta e das demais disciplinas escolares em um momento de enormes desafios.

Diante dos relatos de experiências colhidas através de pesquisa bibliográfica, temos a seguir vários depoimentos de professores, colhidos por alguns pesquisadores. Um professor descreve, de maneira simplificada, sem entrar no mérito da especificidade da História, que desenvolve satisfatoriamente a “interlocução de ensino e aprendizagem”, onde “professores e estudantes estão buscando resolver seus problemas por canais possíveis de comunicação, respeitando o distanciamento” (MACEDO; SANTOS; SANTANA, 2020, p. 6). Interessante ressaltar neste relato do docente, que, ainda que possua o grau de mestre em filosofia, e que lhe seja facultado o ensino da História, reconhece a necessidade de “que deveria ser um profissional graduado em história para ministrar aulas da disciplina de história” (MACEDO; SANTOS; SANTANA, 2020, p. 6), reforçando que os profissionais mais adequados são aqueles formados na área específica de sua docência.

Já em outra exposição, uma professora de escola privada relata a dificuldade de nela trabalhar, pois, ao chegar à pandemia, os professores da instituição, de acordo com a relatora foram “bombardeados(as) com inúmeras informações sobre plataformas digitais que eram sugeridas para compor nossas metodologias de ensino”, e faz uma crítica dizendo que “em momento algum houve qualquer minicurso, oficina, ou reuniões de formação ou preparação”

(COSTA, 2020, p. 4). Não obstante estes entraves no uso das tecnologias educacionais, pela falta de tempo para aperfeiçoamento, a docente encontrou como solução:

Fazer uso do que já sabemos e reinventarmos maneiras de chamar atenção dos alunos e das alunas, [...] tenho feito durante as explanações do meu conteúdo a utilização de bonecos e objetos para ilustrar o tema abordado. Adotei a tática de fazer algumas contações de história (COSTA, 2020, p. 9-10).

A adoção desta metodologia, segundo Costa (2020, p. 10), fez com que os alunos se tornassem “mais sensíveis à história que ouviam, portanto, recebiam com mais leveza e ludicidade os conteúdos possibilitando uma maior atenção e, também, um maior desenvolvimento”. Por fim, no mesmo relato, a professora Alinne destaca o uso de outra didática:

Algumas de nossas aulas eram dedicadas à escuta de como eles [os alunos] estavam, seus sentimentos e emoções sobre [...] a pandemia. [...] fazíamos debates e discussões sobre assuntos relevantes da atualidade e do cotidiano de nossa sociedade e internacionais. [...] incentivá-los (las) a trazerem contribuições de suas vivências para aplicação de determinados conteúdos que íamos aprendendo (COSTA, 2020, p. 11).

Outra experiência relatada é a do projeto “Cinema e História/Cine debate”, onde dois professores fizeram o uso de produções fílmicas disponibilizadas “através de uma ferramenta de armazenamento online da Google tornando o acesso às produções fílmicas democrático” (CRUZ; DA SILVA, 2020 p. 5), para que os alunos pudessem acessá-las e, por conseguinte, ampliar os horizontes históricos para além do conteúdo curricular. Em resumo, o objetivo foi “produzir debates horizontais na área do cinema, das artes e da representação no ambiente escolar” (CRUZ; DA SILVA, 2020 p. 5). Além disso, o projeto permitiu “exibições comentadas de filmes, realizadas com o intuito de estimular a prática cineclubista entre os estudantes” (CRUZ; DA SILVA, 2020 p. 5). Cada película trazia alguns temas norteadores, como por exemplo, o filme “Quanto vale ou é por quilo?” que trouxe os seguintes temas: “a) Relações étnico raciais no Brasil b) Desigualdade social c) Racismo estrutural” (CRUZ; DA SILVA, 2020 p. 5), que seriam depois debatidos *online* pelos professores com os alunos.

Seguindo para mais uma experiência, dois professores do Rio de Janeiro apresentaram uma inovação: valendo-se da excepcionalidade que a pandemia trouxe, foi dada voz aos estudantes, através de uma “pesquisa didático-histórica” (WANDERLEY; NICOLAU, 2020, p. 3) a fim de que eles externalizassem especialmente as:

Angústias e percepções sobre o que é e para que serve o que se aprende como história em um contexto no qual a pandemia [...] rompeu com os laços tradicionais que

definiam o aprendizado escolar. [...] E de que forma o que foi aprendido [...] se relaciona com outros aprendizados que dão sentido para o tempo vivido [...] constituindo a consciência histórica dessas crianças e jovens (WANDERLEY; NICOLAU, 2020, p. 3).

O resultado da pesquisa ajudou a visualizar como os alunos percebem criticamente o contexto em que se situam, tornando-os “capazes de atribuir sentido à vida, ao cotidiano, a partir de um conhecimento sistematizado” (WANDERLEY; NICOLAU, 2020, p. 2). Entre as respostas apresentadas, alguns dizem que “a história tem os auxiliado na compreensão deste momento [...] acontecimentos muito importantes, e agora estamos vivendo um gigantesco, que vai ficar marcado para sempre” (WANDERLEY; NICOLAU, 2020, p. 2). Já outros fizeram a comparação “da pandemia atual com outras doenças que ocorreram ao longo do tempo” e mais ainda, “reconhecer a ‘importância dos cientistas e como eles são fundamentais nesse momento’” (WANDERLEY; NICOLAU, 2020, p. 4-5). De maneira geral, os relatores aqui mostraram como a História tem um papel essencial na sociedade, já que a pandemia, ao interferir em todo o comportamento social, tendo presente outras experiências, suscita reflexões necessárias para a continuidade das atividades quando a doença for finalmente controlada. É o que afirma um dos estudantes: o “conhecimento histórico adquirido fora de sala de aula garante ‘uma visão mais complexa da situação, do mundo e dos processos históricos’” (WANDERLEY; NICOLAU, 2020, p. 6).

A pesquisa revelou um dos relatos docentes que se notou mais rico em detalhes, tanto na questão do planejamento quanto na atuação propriamente dita, inclusive com conflitos: é a do professor de História Robson Ferreira Fernandes, de Santa Catarina, que desenvolveu seu plano de aula realizando uma atividade a qual aproximava um recente movimento de luta contra o racismo a componentes curriculares da disciplina que este lecionava (História). Tudo isto produz-se, durante o ano de 2020, quando vigoravam as normas mais restritivas de combate ao Covid-19. O tema proposto para a atividade, aplicada ao 6º ano do ensino fundamental era “Mais do que uma *hashtag*, vidas negras importam” (FERNANDES, 2021, p. 2) e foi desenvolvido buscando compreender a escravidão na história do Brasil, bem como a sua expansão e os impactos do racismo na sociedade e no contexto da educação. Neste ínterim, destaca o professor, vem a parte crucial de seu relato:

A partir de uma prática pedagógica no Ensino de História, eu, professor da educação básica, pardo, fui questionado e atacado por uma mãe de um estudante, que não “aceitou” a nota que o filho recebeu por sua atividade e das teorias estudadas sobre as questões raciais [...] e por que eu não tinha considerado a frase “vidas importam” como palavra de ordem da atividade do plano de aula (FERNANDES, 2021, p. 1, 4).

Ainda, segundo o depoimento do docente, a referida mãe pedia que a nota do seu filho, obtida na atividade, fosse reconsiderada, pois, na sua opinião, foi “desrespeitada a liberdade de aprender dos/as estudantes, e destacava que houve a possibilidade de definir-se juridicamente a prática de doutrinação política ideológica, como sendo abuso da liberdade de ensinar em prejuízo à liberdade de aprender” (FERNANDES, 2021, p. 6).

Neste caso, na metodologia do professor, no decorrer de seu plano de aula, constavam atividades teóricas para a ampla compreensão do racismo na história do Brasil e como ele segue sendo algo que perdura na sociedade atual, não só no país, mas fora dele também, inclusive com estudos de casos. A parte seguinte seria uma “atividade empírica” (FERNANDES, 2021, p. 2), ou seja, uma prática interdisciplinar ligada a artes. Nas palavras do educador: “se fez necessário usar recursos e outras tecnologias para dinamizar o Ensino de História. [...] a intervenção artística foi (e continua sendo) um ato político educacional” (FERNANDES, 2021, p. 4). É aqui que se encontra a atividade do aluno que “não associou as ideias da aula com a sua atividade” (FERNANDES, 2021, p. 5), motivo pelo qual recebeu uma nota baixa, depois questionada por sua mãe, gerando uma querela nas instâncias administrativas da educação no Estado de Santa Catarina, que por sua vez, considerou o seguinte:

Que o conceito de “racismo” e “racista” que a mãe faz uso diverge do conceito presente nos documentos que embasam a Educação Escolar em nosso país [...]. A Coordenadoria avaliou ser impropriedade o entendimento da mãe de que o professor tenha desrespeitado o direito de seu filho e os textos da Constituição Federal do Brasil de 1988 no art. 5º e 206º, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) lei 8069 art. 53, da LDB 9394/96 art. 3º, bem como tenha usado de arbitrariedade ao aplicar uma nota baixa segundo a visão dele e que a atividade proposta insinuasse algo político-ideológico (FERNANDES, 2021, p. 7).

De acordo com o professor Robson, a “atividade dialogava com o planejamento anual de História e que legitimava o trabalho com essas questões a partir dos documentos vigentes da educação brasileira” (FERNANDES, 2021, p. 5), ou seja, fica evidente a preocupação em realizar algo dentro de um contexto de isolamento social, mas não de isolamento mental e racional, para permitir a ampla reflexão sobre um fenômeno “latente e visível nesta sociedade” (FERNANDES, 2021, p. 5). Não obstante o conflito gerado por conta dos questionamentos de uma mãe, o docente de História relata que o “momento da atividade prática despertou criatividade, autonomia, conhecimentos adquiridos e mostrou estudantes mais críticos e que respeitam os direitos humanos” (FERNANDES, 2021, p. 4). Em uma época extremamente desafiante, sob todos os aspectos, o tema do racismo não pode ficar em segundo plano. “Assim

como tantas outras violências, precisa ser debatido e estudado no chão da escola, mesmo em tempos pandêmicos”. O mesmo professor finaliza a descrição de sua experiência assim:

Se para a pandemia o vírus é o protagonista da letalidade humana, para a história, o racismo é o protagonista da letalidade étnica e de cor. É urgente combatê-lo, ora via ensino presencial, ora ensino remoto. Não se muda o mundo respeitando a opinião de quem te oprime. Vidas Negras Importam! (FERNANDES, 2021, p. 8).

Uma das primeiras constatações diante desses relatos é que, a partir da urgência de se implantar uma alternativa ao ensino presencial, provavelmente o maior desafio, tanto para estudantes quanto para professores, foi “aprender a gerir o tempo dentro de casa e, atrelado a isso, ter disciplina para estudar no modelo EaD” (ANDRADE; COSTA; LIMA; ROMÃO, 2020, p. 40). Ora, a educação a distância pode funcionar bem no ensino superior, onde a pessoa já possui uma estrutura e disciplina próprias do seu cotidiano. Porém, na educação básica, a mesma fórmula não é tão simples. E em se tratando do contexto analisado, o “distanciamento social e as aulas online colocaram uma lente de aumento nos problemas já existentes na aprendizagem em relação ao tempo e ao espaço” (ANDRADE; COSTA; LIMA; ROMÃO, 2020, p. 46).

Como ser professor de História nesta modalidade? Antes de tudo, trata-se de ensinar e “avaliar em situação de desequilíbrio econômico, mudanças na rotina das sociedades, [...] e de muitas dificuldades para a maioria dos estudantes” (ANDRADE; COSTA; LIMA; ROMÃO, 2020, p. 46). Logo, é procurar captar com a máxima equidade a realidade de cada estudante e oferecer de igual maneira oportunidades de aprendizado, dando suporte maior aos que enfrentam restrições no acesso aos meios de comunicação digitais, portanto, aos mais vulneráveis socialmente.

Ao notar as enormes desigualdades sociais que a pandemia “escancarou”, definitivamente não é mais possível restringir o ato de ensinar — sobretudo a História — a “ministrar o conhecimento acadêmico” (CARRA, 2020, p. 62), tampouco à utilização de “suportes ou novas ferramentas para antigas metodologias” (CARRA, 2020, p. 66). É mister implantar meios de ensinar e problematizar aquilo que se estuda, além de tornar democrático o acesso às tecnologias da informação e comunicação e o seu correto manuseio.

É correto afirmar que o historiador é um dos que dispõem de maiores elementos factuais para tornar o seu agir como educador uma ferramenta de transformação, a começar pelas metodologias de ensino, que

Propiciem a constituição de um pensar crítico em relação à humanidade, aos problemas que afetam nossa sociedade e ao conhecimento transmitido e produzido. [...] que incentivem o espírito de pesquisar, a arguição de fontes e de fatos e o questionamento de nossos papéis nas realidades que vivenciamos. [...] que auxiliem a inferir o significado de cidadania nos tempos atuais (CARRA, 2020, p. 65).

Neste quadro repleto de possibilidades, sobressairá o educador que conseguir aliar o uso criativo das tecnologias a um espírito crítico e uma sensibilidade que permita “capacidade de comunicação do conhecimento histórico em diferentes espaços e para seus públicos diversos” (CARRA, 2020, p. 64).

Retomando a abordagem da “cultura digital”, a partir do contexto da continuidade das aulas na pandemia, é possível afirmar sem duvidar que na “sociedade do conhecimento do século XXI é imperativo que os que exercem a docência estejam capacitados nos conhecimentos, habilidades e atitudes para o uso eficiente e inteligente das TIC” (REYES; QUIRÓZ, 2020, p. 5, tradução nossa).

Com efeito, não é possível saber se haverá uma nova pandemia ou outra situação adversa que obrigue toda a população a realizar um novo isolamento social, forçando todos a recorrerem aos meios digitais para estabelecer sua comunicação. No caso da educação, o fato é que “passar do presencial ao virtual, implica implantar boas práticas nos ambientes virtuais de aprendizagem, sobretudo considerando as exigências de isolamento e distância social” (REYES, QUIRÓZ, 2020, p. 8, tradução nossa). Ora, boa parte dos professores hoje atuantes, seja na educação básica ou ensino superior, tem as aulas presenciais como referência. Mesmo que não haja um novo isolamento como se teve em 2020, “será necessário que os docentes se desenvolvam no mundo digital, na criação e distribuição de conteúdos e recursos, em diferentes contextos e com diferentes dispositivos” (REYES; QUIRÓZ, 2020, p. 5, tradução nossa).

Se, a curto prazo, a pandemia exigiu diferentes e imediatas respostas, sobretudo na questão de soluções para a saúde, como vacinas e tratamento adequado à população afligida pela doença — protagonismo esse assumido pelas ciências naturais e da saúde — em se tratando das ciências humanas, elas mantiveram e mantêm um papel imprescindível na sociedade, ainda que seus resultados não sejam palpáveis. Há o caminho das soluções ditas indiretas, que inclusive são bons elementos a agregar nas aulas de História, como se verá a seguir:

Auxiliar na compreensão de processos econômicos, políticos e sociais, passados ou ainda em andamento, que permitem analisar a realidade [...] e mesmo as ações da sociedade e do Estado no combate à pandemia. [...] investigar a trajetória de políticas públicas, a situação econômica, as mobilizações de classes [...], que necessitam de uma compreensão da relação entre passado, presente e futuro. Analisar os impactos e dinâmicas sociais relacionados a outras [...] pandemias ao longo da História pode ajudar a compreender o papel [...] de políticas como a de isolamento, os tratamentos

de saúde ou a relação desses fatores com os problemas sociais construídos ao longo de décadas [...]. Permite ainda investigar as ações, [...] para garantir questões básicas para a manutenção da sociedade, como alimentação, emprego e salário das populações (SILVA, 2020, p. 2).

Assim, o papel do historiador e da História, como ferramenta de análise e diagnóstico de contextos, podem ser importantes aliados na busca por processos que sejam mais democráticos e igualitários para um ensino aprendizagem verdadeiramente emancipatório, não obstante os desafios que a atual conjuntura impôs e certamente deixará por bastante tempo.

#### **4 Considerações finais**

A História, como se percebeu, tem uma função social notadamente clara, ou seja, a ela cabe ajudar na compreensão e elucidação de processos históricos, para que novos olhares surjam e cooperem na continuidade de projetos e linhas de ação, visando uma sociedade mais igualitária. Certamente a sala de aula pode ser um campo de atuação fértil para essa finalidade que é a reflexão histórica. Cabe ao docente estabelecer uma metodologia eficaz e compatível com os novos tempos, a fim de que seus objetos de investigação não fiquem obsoletos com o passar dos anos. É neste sentido que a correta apropriação dos elementos da chamada cultura digital vem agregar para um amplo progresso no desenvolvimento da educação no século XXI.

A pandemia apresentou à comunidade escolar uma instigação que precisa ser vencida: a de educar com qualidade mesmo em meio ao isolamento e à falta do contato presencial, tão relevante ao ser humano. Não fossem os meios digitais e os diversos meios de comunicação remota, possivelmente haveria grandes prejuízos ao ensino-aprendizagem na fase mais restritiva da pandemia.

Retomando a ideia do professor Robson Fernandes (2021), o período de isolamento social não significou isolamento mental e racional, quer dizer, a ausência da ida às salas de aula jamais poderia ser usada como pretexto para a fuga de temas pertinentes ao dia a dia dos próprios estudantes. Parece que os professores, os quais tiveram seus relatos aqui compartilhados, procuraram efetivamente realizar o melhor de si para que seus estudantes fossem contemplados com o melhor possível naquele momento. Além disso, jamais perderam a capacidade de serem instigadores da sociedade, cidadãos emancipados, para nela agirem como transformadores.

#### **Referências**

ANDRADE, A.R.; COSTA, F.S.; LIMA, N.C.; ROMÃO, G.V.S. Desafios e perspectivas: o ensino de História no contexto pandêmico. *In*: TEODORO, João Vitor; PINTO, Inês Mendes (org.). **Ações educativas em tempos de pandemia**. Campo Grande: Editora Inovar, 2021. p. 39-47.

BRASIL. **O que é Covid-19**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 15 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017.

BRITO, Gláucia da Silva; COSTA, Maria Luísa Furlan. Apresentação – cultura digital e educação: desafios e possibilidades. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, p. 1-7, 2020.

CARRA, P.R.A. O ensino de História em tempos de pandemia de Covid-19. *In*: BUENO, André; CAMPOS, Carlos Eduardo; PORTO, Nilza (org.). **Ensino de História**: teorias e metodologias. 1. ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UFMS, 2020. p. 61-68.

COSTA, Ma. Alline Grazielle Neves. Aventuras e desventuras do ensino remoto de História em tempos de pandemia com alunos e alunas do ensino Fundamental II em uma escola privada 4.0. *In*: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA - PERSPECTIVAS WEB 2020, 11., 2020, Ponta Grossa. **Anais [...]**. Ponta Grossa: ABEH, 2020.

CRUZ, R. F.; DA SILVA, A. L. Cine Debate: a manutenção do ensino de História em tempos de pandemia. *In*: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA - PERSPECTIVAS WEB 2020, 11., 2020, Ponta Grossa. **Anais [...]**. Ponta Grossa: ABEH, 2020.

CUNHA, L. F. F.; SILVA, A.S.; SILVA, A.P. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020.

FERNANDES, Robson Ferreira. Muito mais do que uma hashtag, vidas negras importam: ensino de História e pandemia. **Palavras ABEHrtas**, Ponta Grossa, n. 2, ago. 2021. Disponível em: <https://palavrasabehrtas.abeh.org.br/index.php/palavrasABEHrtas/article/view/24>. Acesso em: 11 out. 2021.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Educação escolar em tempos de pandemia**. Informe n. 1. jun. 2020. Disponível em: [https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2020/06/educacao-pandemia-a4\\_16-06\\_final.pdf](https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2020/06/educacao-pandemia-a4_16-06_final.pdf). Acesso em 22/06/2021.

KENSKI, Vani Moreira. Cultura digital. *In*: **Dicionário crítico de educação e tecnologias e educação a distância**. Campinas: Papirus, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/64164697/CULTURA%20DIGITAL%20verbeta%2020.pdf>. Acesso em: 06 out. 2021.

MACEDO, M. L. L.; SANTOS, J. S.; SANTANA, R. M. Narrativas do ensino de história em tempos de pandemia, Palmas, Tocantins. *In*: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS

DO ENSINO DE HISTÓRIA - PERSPECTIVAS WEB 2020, 11., 2020, Ponta Grossa. **Anais** [...]. Ponta Grossa: ABEH, 2020.

MORTES E casos de coronavírus nos estados. **G1.com.br**. 2021. Disponível em: [https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/?\\_ga=2.119608584.1479107436.1648772100-1977943548.1648772096](https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/?_ga=2.119608584.1479107436.1648772100-1977943548.1648772096). Acesso em: 01 abr. 2022.

REYES, R.C; QUIRÓZ, J.S. De lo presencial a lo virtual, un modelo para el uso de la formación en línea en tiempos de Covid-19. **Educación em Revista**, Curitiba, v. 36, e76140, p. 1-20, 2020.

ROSAS, HUGO. Panorama da educação no Brasil em 2020 e os desafios de 2021. **Canal Futura**, Rio de Janeiro, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://www.futura.org.br/educacao-brasileira-na-pandemia-em-2020-e-os-desafios-de-2021/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SAIBA COMO ESTÃO as aulas remotas nas redes estaduais de ensino. **Consed**, Brasília, 2021. Disponível em: <http://www.consed.org.br/portal/noticia/saiba-como-estao-as-aulas-remotas-nas-redes-estaduais-de-ensino>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SILVA, Michel Goulart da. O papel do historiador diante da pandemia. **Boletim de Conjuntura** (BOCA), Boa Vista, ano II, v. 3, n. 7, 2020.

WANDERLEY, S.; NICOLAU, G. Aprender História em tempos de pandemia: aprendizado escolar e cultura histórica. *In*: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA - PERSPECTIVAS WEB 2020, 11., 2020, Ponta Grossa. **Anais** [...]. Ponta Grossa: ABEH, 2020.